



ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

II SERIE — N.º 770

22 de Novembro de 1920

— 20 centavos —

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal "O SÉCULO"

Director — J. J. DA SILVA GRAÇA
Propriedade de SILVA GRAÇA, LTD.
Editor — ANTONIO MARIA LOPES

NUMERO AVULSO, 20 cív.

ASSINATURAS: Portugal, Colonias portuguezas e España:
Trimestre 2\$60 cív.
Semestre 5\$00 *
Ano 10\$00 *

Redacção, administração e oficinas: Rua do Secco, 49 — LISBOA

Maquinas e Acessorios Para as **INDUSTRIAS** e **AGRICULTURA**
Pedir preços, orçamentos a
C. STEFFANINA — 39, R. Corpo Santo, 41

Lêr na proxima quarta-feira o **SUPLEMENTO DE MODAS & BORDADOS (DO SÉCULO)** — Preço: 10 centavos



O unico mais indicado para a hygiene das creanças. Em uso nos hospitaes e creches.

Vende-se nas boas Perfumarias, Farmacias e Drogarias
ao preço de o\$60.

DEPOSITARIOS:

FAU & PALET L. ^{DA}

R. AUREA, 101, 2.º D.

LISBOA

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

EDIÇÃO SEMANAL DE «O SÉCULO»

II Serie — N.º 770

Lisboa 22 de Novembro de 1920

20 Centavos



A ACTRIZ ANA DE OLIVEIRA
que ultimamente se estreou no Teatro Nacional Almeida Garrett

CAPA — COMPOSIÇÃO DE AMARELHE

(Ilustrações fotograficas de Serra Ribetto, pag.ª n.ª 329, 330, 331 e 334).

Cronica da Semana

Não foi feliz o presidente do ministerio de-missionario, sr. dr. Antonio Granjo, se-gundo as opiniões de quem muito sabe de politica, nas respostas que deu a quem o acuson de ter sido menos correcto nas afirmações feitas por sua ex.^a na visita a Santarem. Lemos essas respostas e sentimos calafrios com a idéa de que—tantas voltas o mundo dá!—um dia nos pudéssemos ver obrigados a usar tam-bem de linguagem parlamentar, a qual, já se sabe, não é a que se fala fóra do par-lamento; as palavras que ali se teem de pronunciar são as que veem nos dicionarios, elas combinam-se segundo as regras gramaticais, sem duvida, mas acontece que o ambiente as transtorna de modo que mudam de signifi-cação e que é necessario contar com essa influencia para produzir os effeitos que se desejem.

O fenomeno é explicavel e não é só n'aquelas cir-cumstancias que ele se dá; é sabido que a mesma pala-vra varia de sentido conforme o modo como é pronun-ciada, conforme a pessoa que a pronuncia, conforme o tempo que leva a pronunciar, etc. Quanto a mudar de sentido conforme o local, basta lembrarmo-nos de que ha termos inocentísimos no centro e no norte do paiz, que chegam a ser obscenos no sul...

Pois bem: o sr. dr. Antonio Granjo esqueceu-se do logar onde se encontrava e disse as suas primeiras fra-ses como se estivesse conversando n'uma roda de ami-gos ou de indifferentes; o resultado foi tremendo, com os seus longes de semelhança ao produzido por uma persoa-nagem de Victor Hugo, tambem n'um parlamento. Seguiu-se o ataque e o orador immediatamente reconheceu o seu erro, começando de então por diante a medir a ora-toria, tão sabiamente que fechou o seu discurso com um trecho que é um modelo de eloquencia parlamentar.

Porque seria, porém, que pessoa tão experimentada assim se esquecia das conveniencias politicas, parendo disposta a defender de preferencia as conveniencias do país? Um amigo nosso deu a seguinte explicação, que não é de todo desarrazoada: o sr. dr. Antonio Granjo tinha acabado de fazer em aeroplano a travessia de San-tarem a Lisboa. Tinha arejado de mais.

MAIS nove prisioneiros da Grã-Bretanha tinham de-clarado a «grève» da fome, na prisão de Cork, resolvidos ao suicidio, mas desistiram dos seus tristes propositos porque o presidente interino da repub-lica irlandeza julgou sufficientemente demonstrado o patriotismo dos separatistas, sem necessidade da prova final.

Cremos que bem andaram os prisioneiros, porque o sacrificio que estavam dispostos a fazer não seria de utilidade para ninguem, nem para a propria causa que defendem, visto que suprimiria elementos de luta e não comoveria os contrarios, como se reconhecem ha pouco.

Em povos do sul é possivel que tal episodio desper-tasse sentimentalismos e transigencias, por consequente, mas possivel apenas, porque ainda se não experimentou, isto é, nunca foi tentada n'esses povos a «grève» da fo-me; todas as outras aí se cultivam em excesso, mas quando o estomago dos «grévistas» começa a chamar pelo que se lhe deve, eles apressam-se a entrar em ne-

gociações, que só não são mais rapidamente pedidas, por-que esperam que se lhes pague os dias em que não trabalham. A «grève» contraria áquella, isto é, a «grève» de comer até rebentar é que provavelmente cá seria ada-ptavel...

SEGUNDO consta ao «Seculo», a comissão revisora da ultima reforma de instrução primaria vai propôr o restabelecimento do exame de 2.^o grau, atenden-do assim ás reclamações que teem sido formuladas n'esse sentido. Acrescenta a informação, que, effectuado esse exame, os alunos poderão frequentar a escola primaria até os catorze anos, em cadeiras de aperfeiçoamento.

Não sabemos quantas vezes o curso primario tem sido reformado n'estes ultimos tempos, e muito menos sabe-mos como tem sido reformado. O que, porém, toda a gente percebe é que se continúa n'um estado de insta-bilidade cujo termo se não divisa e que, no entanto, quem tem sob a sua responsabilidade a educação das crianças não atina com o que deve ensinar-lhes ou man-dar-lhes ensinar. E' verdade que estas complicações dos servicos publicos são de todo o momento, mas parece-nos que teem alguns inconvenientes, ainda mesmo n'um país onde o saber ler e escrever constitue prenda do maior numero, que d'outras não necessita.

A quem não possui essa prenda, que o livro de muita preocupação, participamos que Sousa Costa nos dá a 2.^a edição do seu «Fruto pro-bido», Vicente Arnos publica a sua peça em 3 atos, «O ultimo senhor de S. Geão», representada o ano passado no teatro de S. Luis, e Arlindo Varela publica os arti-gos escritos por José Maria Latino Coelho, no «Panora-ma» e na «Ilustração Lusobrasileira», sobre Miguel de Cervantes Saavedra e D Manuel José Quintana.

A novela de Sousa Costa, «Fruto proibido», foi, se-gundo cremos, a obra que definitivamente o consagrou como romancista; ella fica na literatura portuguesa como afirmação d'um estilo vigoroso e original, vestindo uma acção que interessa constantemente o leitor. A 2.^a edição do livro confirma a opinião dos que na primitiva lhe profetisaram um duradouro exito.

«O ultimo senhor de S. Geão» foi aplaudido, com justiça e não ha senão quem felicitar o autor por ter fi-xado o seu trabalho, em que ha principalmente sinceri-dade; quanto aos artigos de Latino Coelho, fazem parte da collecção dos seus escritos literarios e politicos, repro-duzidos em boa hora pela Empresa Literaria Flumi-nense, para mais vulgarisar as maravilhas do eminente escritor, que regala os espiritos com «a sua prosa en-cantadora, toda harmonia e luz», como disse outro grande literato—Pinheiro Chagas—no prefacio que acompanha o livro a que nos referimos.

Mais um volume de versos nos visita: «Quadros ri-batejanos», de Mota Cabral, oferecidos á memoria de Marcelino Mesquita e classificados pelo autor como «man-chas pobres da rica paisagem ribatejana». São em sone-tos esses quadros, de quem procurou, para os tradu-zir, uma forma em que poucos atingem a perfeição, tanto d'ela se exige, mas tambem de quem soube ver, o que em arte já é alguma coisa.



Quem Frequenta o Café?

INQUERITO E
COMENTARIO

POR

Belo Redondo



(Ilustrações de Rocha Vieira, Stuart Carvalhaes,
Alberto de Sousa e B. Marques.



Acendendo o cigarro



preciso rehabilitar o café — o café-loja, entenda-se... E porquê? Por que certa gente insaciável, sem energia e sem personalidade, tudo lhe tem chamado, — desde antro de ociosos até caverna de dissolução, apregoando-o como se elle fosse uma nova bocêta de Pandora.

Não! Positivamente, tudo o que se tem dito contra o café é injusto e corresponde a uma falta de visão e de análise profundas. Os ataques que lhe dirigem são autenticas consagrações, devido a esta pecha que a gente tem de adorar o que é amaldiçoado... Mas, de resto, esses argumentos são desarrazoados, porquanto toda a gente que o frequenta, em geral, tem uma profissão definida e não caiu ainda na alçada da policia.

Dizem os seus inimigos que os momentos passados a palrar ás mesas poderiam ser empregados mais produtivamente. Na verdade, o criterio exclusivista e mercantil do nosso seculo inscreveu em toda a parte — nos microrios como nas casas de comercio — esta legenda simbólica: «tempo é dinheiro». Porém, os que assim pensam esquecem que o descanso e a distração, dando o repouso do corpo e do espirito, são ainda os melhores elementos de trabalho. De resto, o café serve para tudo — para descansar, para escrever, para negociar e para pensar. Ha ali quem leia, alto, em rodas de amigos, no meio do tumulto infernal das gentes que discutem, paginas de Anatole France e de Gabriel d'Annunzio — para fazer «blague» e irritar o indigena...

Como na Vida, no café nada se perde. Mercê do ambiente, ha os que criam lá dentro uma personalidade e os que veem consagrada a sua natural imbecilidade. O café aparta, define, immortalisa e mata. Com os «celebres» vivem tambem os «anónimos», isto é, aqueles que a gente conhece de vista sem saber, afinal, quem são. Uns e outros procuram no café a animação, a graça, o repouso, a liberdade, que a «chata» pacatez dos nossos «clubs» não dão. Cada um, é claro, busca o café onde espera encontrar gente da sua egualha — e daí a psicologia propria que tiveram e tem ainda os nossos cafés.

«A Brasileira», do Chiado, e o «Martinho» são cenáculos de escritores, jornalistas e artistas; O «Chave de Ouro» e «A Brasileira», do Rocio, são os pontos de reunião de politicos; O «Suisso» é o dos toureiros; O «La Gare, talvez pela excelencia dos seus bancos almofadados, dos «flirteurs»; e O «Royal» dos estrangeiros. Cada um tem a sua «élite», as suas personalidades, os seus ídolos. Na «Brasileira», do Chiado, e no «Martinho» as discussões são, em geral, suaves e ponderadas — gente que procura «marcar» com frases feitas... — e no marmore das mesas ha sempre exposições de coisas de arte, que certos mocinhos arrancam ao lapis em momentos de prenhes artistica; No «Chave d'Ouro» e na «Brasileira», do Rocio, a normalidade é tumultuosa e oferece, por vezes, aspectos de costelas duns friccionadas a poder de bengaladas por outros mais intransigentes; No «Suisso» as conversações atingem o meio-termo entre as destes; No «La Gare» são adocicadas, melifluas, em segredo... como devem ser no Paraíso... e assim por deante.

A frequencia, porém, não é sempre igual e, dentro de um caracter geral, embora, tem aspectos diversos, tipos diferentes. Assim, até ás nove horas os frequentadores são noctivagos, gente da boemia que desce, ainda estremunhada, dosalcones e das batotas, tendo no «facies» palido historias de orgias e estigmas de desequilibrio fisico e psicologico. A seguir, até ás 11 horas, vêm os empregados de comercio, os burocratas, os homens de negocios fracos — toda uma multidão atarefada, que grita por uma bebida, que a paga e sae a correr, quasi que sem uma palavra. Estes são os pelintres que afirmam que «o tempo é dinheiro»...

Passam depois, das 11 ás 14 horas os comodistas — uma população heterogénea, sem caracter proprio, que vêm tomar café por respeito ás convenções sociais. Só depois é que começam a aparecer os «dilletantes», ou sejam os que fazem, na verdade, a vida de

CAFÉ



«Final, do que se precisa n'este pais é de gente que trabalhe, que produza...»

café, pondo nos seus comentarios aquela dose de bom humor que faz com que a mór parte das pessoas graves os tomem por mal-dizentes. E', então, que o café principia a exercer a sua indiscutível influencia social, passando em revista os homens e os casos do dia, pesando os acontecimentos e anotando-os, com mais ou menos graça, com maior ou menor entusiasmo.

Mentem quantos afirmam que não ha opinião publica em Portugal. Pois, que são esses que se sentam, todos os dias, ás mesas dos cafés, a discutir, a criticar, a blaguear? E' certo que esta opinião publica está intoxicada e padece de nervoso, em alto grau. Mas, quer queiram quer não, é ela que tem ideias, que protesta, que vive, que «marca». E' caso para se dizer, a modo de alegoria, que a vida nacional gira em volta d'uma chavena de café...

E, posta assim a questão, vejamos o que nos dizem alguns conhecidos «habitnés»:

Gualdino Gomes, publicista

Este venerando rapaz podia ter escrito bons livros mas, por falta de tempo, pôr-se a dizer os seus ás mesas dos cafés ea arrumar os dos outros nas estantes da Biblioteca Nacional. Se lhe falta, por isso, a consagração publica tem, em compensação, a estima e a admiração dos raros que o ouvem, boquiabertos. Ninguém, como ele, fez da blague um sacerdocio, reunindo á graça, espontanea e natural, uma profunda cultura. E' sempre, e em tudo, um homem original, tanto assim que frequenta o café — para tomar chá... Eis o que ele diz, falando mais dos outros do que de si:

«Os que vivem nos cafés, e ali compõem os seus livros, como Fialho d'Almeida, no antigo Martinho; instalam um «bureau» de editor, como Alberto de Oliveira, no velho Leão d'Oiro; assentam banca de advogado-politico, como Coelho de Carvalho; floreteiam a frase em rútilos golpes, como o engenheiro Bossa; organisam tremendos protestos literários, como Israel Anahory; ou com moço vigor arremesam longe o dardo, como Fortunato da Fonseca; — são, em regra, solteirões; um tanto carecidos de bens da fortuna; com modos e palavras inajustáveis ao protocolo da mentira convencional. E de tais exemplos, a que podiam juntar-se os de João da Camara, Antonio Ramalho, Marcelino Mesquita, Cyriaco Cardoso e Manuel Penteado, se concluiria que os cafés representam a casa de estar dos sem-familia, a diversão modesta dos poucos abonados, o íntimo grémio dos que o teatro e os salões já não interessam; e para todos estes, indistintamente, um livre logar, dos raros onde hoje ainda se conversa.»

Dr. Fortunato da Fonseca, publicista

E', ha quarenta anos, o terror dos frequentadores de cafés. Tendo todas as qualidades para ser um bom escritor, limitou-se a deixar a sua obra, como um perdulario, nas rodas de amigos. A sua palavra, sempre facil, elegante e erudita é, por vezes, crúa, sanguinolenta, impiedosa. Houve tempos até em que os literatos e os artistas «vient de parâitre» se perguntavam, receosos: — «O que dirá amanhã o Fortunato?» Interrogado, sem saber para quê, de surpresa, declara:

«Frequento o café — por indolencia. Todos os dias safo de casa, meto-me no electrico e caio no café, insensivelmente—para descansar. Se o electrico não passasse aqui, nunca cá entraria... Andei no Martinho com a gente do Fialho e, depois, no Leão d'Oiro com o grupo que tomou o nome do café; estive alguns anos na provincia a exercer clinica e, quando voltei, encontrei tudo diferente do que fora. Resolvi por isso, frequentar a «Brasileira», do Chiado; mas, santo Dens! só havia por lá gente de politica, e, como esta — já de si pouco interessante — tivesse um caracter heterogeneo e ninguém se entendesse, resolvi-me a procurar um café de jacobinos, onde todas as opiniões se medissem pela mesma bitola—visto que, na minha idade, as discordancias já não são muito agradaveis. Por isso vim parar á «Brasileira» do Rocio. Estou aqui como no Paraíso: todos pensam da mesma maneira e, assim, só oiço o que me convém...»

Alberto de Sousa, pintor

«O café para mim, é o ponto de reunião onde encontro amigos. Por vezes, até, desperiam-me interesse artistico os tipos quasi populares que por lá encontro. A «Brasileira» do Chiado, que frequento com assiduidade, é uma síntese: estreita e alongada, com a fôrma geográfica do nosso Portugal, reúne todos os dias a escala completa das nossas «nuances» politicas — desde o legitimista ao bolchevista. Apesar d'isso não ha uma scena de pugilato; vive tudo em harmonia. O café? Bem sei que é prejudicial; mas eu perdoo-lhe o mal que me faz pelo bem que me sabe...»

Mario Salgueiro, jornalista

«Venho ao café para reponsoar. Eston convencido de que éle serve para tudo — menos para se fazer qualquer coisa de util. Sou, por isso, aqui dentro, o menos possivel jornalista...»

Fidelino Costa, jornalista

«A's terças-feiras todos os engraxadores descansam — menos o do Martinho. Só, por tal motivo, frequento o café n'esses dias...»

Dr. Leandro Camacho, medico

«Venho aos cafés, simplesmente, em busca de noticias frescas...»

Augusto Ricardo, escritor

«Porque frequento o café? Creio que pela mesma razão porque frequento outros logares que não devia frequentar. Talvez por habito ha muito contraído; habito condenavel, confesso, mas que me traz a pequena satisfação de me colocar em rebelde antagonismo com a geração d'hoje—que faz da leitaria o seu «habita» e se ensopa em leite...»

Norberto de Araujo, jornalista

«Durante o dia ando de um lado para o outro, atarefado com as minhas occupações profissionaes e o café é, naturalmente, o logar onde estaciono para me orientar, para pensar, para discernir.»



Uma nota triste n'uma casa alegre.

Considero-o, portanto, uma casa de trabalho.

Arnaldo Pereira, jornalista

«Porque vou ao café? Pergunte, antes, porque vou á «Brazileira», visto que é a «Brazileira» o unico café que eu frequento. Sou o seu cliente mais antigo. Assisti ás festas da inauguração, e na manhã seguinte, ainda sem sol, abancava deante d'uma chavena, nos tempos felizes em que o sr. Telles nos oferecia o café—e ainda por cima agradecia.

«Eu vou ao café para trabalhar. Ali escrevo e ali penso. A solidão d'un gabinete, immobilisa-me o pensamento. Para me iluminar necessito de ruido, — vozeria, vae-vem.

O café cheio, vozes altas, uma discussão — excelente! Tenho a impressão de que, n'um café andaluz, á saída d'uma toirada, eu escreveria, pelo menos—o «Cid!» Hei-de experimentar...»

Antonio d'Albuquerque, escritor

«A sua pergunta:—Porque vae ao café? deixou-me perplexo por nunca me ter interrogado a tal respeito.

Obriga-me pois—o meu amigo—a perguntar a mim proprio, pela primeira vez, porque razão eu ali vou.

Se incluísse na sua interrogação os cafés de Paris, que frequentei quotidianamente durante anos, a resposta seria facil, pois bastaria recordar-lhe «l'heure verte», frase que em «argot de boulevard» concretisa mil cousas interessantes. Mas, como o meu amigo, apenas se refere aos cafés de Lisboa, a resposta é mais difficil e visto que estes nenhum atrativo nos merecem, nem de conforto nem de curioso.

Venho ao café por habito, por não ter onde ir; entro para me demorar minutos e lá fico ás vezes horas quieto diante d'uma chicara esvasiada.

Raras vezes n'eles se encontram camaradas inteligentes com quem se possam trocar impressões agradaveis; a politica execravel absorve os cerebros e envenena a cavaqueira natural e espi-rituosa, razão porque os cafés se tornaram presentemente infrequenteis.

Ha anos—confesso—entrei nos mais sordidos d'estes estabelecimentos para conspirar, do que hoje amargamente me arrependo, e se para alguma cousa me serviram estes antros foi para n'elles estudar alguns curiosos frequentadores que mais tarde semeei—a titulo de comparsas—por alguns dos meus romances. Note porem—que taes figurantes—são sempre más linguas, politicos e mentem descaradamente a respeito dos outros e de si proprios.»

Stuart Carvalhaes, caricaturista

«Não tomo café. Venho aqui para encontrar amigos e falar de coisas de Arte.»

Alfredo Mascarenhas, barítono

«Venho aqui por que gosto de café, por que sou amigo do paleio e porque não tenho mais que fazer... Eis tudo.»

Dr. Costa Ferreira, publicista

«Não frequento cafés, no rigor do termo. Quando por cá appareço venho á procura de um tónico qualquer — e mais nada.»

Eduardo Fernandes (Esculapio), jornalista

«Venho aqui por que sou rouco e preciso de começar os dias por molhar a palavra...»

Artur Duarte, actor

«Frequento o café por que encontro aqui tipos, vejo aspectos, colho impressões — o que tudo me é util para a vida de scena.»

Johnsa Benoiel, reporter fotografico

«Os nossos cafés não tem conforto algum. Venho, pois, só pelo convívio de gente amiga, por que não encontro logar mais decente do que esta.»

Nobres Martins, jornalista

«Venho ás cinco da tarde tomar café por que sinto a essa hora crescer-me agua na boca...»

José Benedy, publicista

«Frequento o café por um pouco de tudo, mas especialmente para escrever. No entanto, escrevo aqui como escreveria no Correio Geral — se lá houvesse pena e tinta em condições...»

Robles Monteiro, actor

«Venho, simplesmente, por prazer. Entendo, porém, que o café é um meio prejudicial a quem trabalha.»

Augusto d'Esaguy, jornalista

«O café é um circo, uma companhia de «clowns». Muitos literatos aproveitam-no para exhibirem nomes de anciores que nunca leram e formarem grupos que os elogiem. Vamos ao café pela mesma razão por que vamos ao Coliseu, ao «Music-Hall» distrair-nos um pouco e fazer «blagues» nas toalhas das suas mesas. Motivos de Arte? Não encontro nenhum.»

Costa Mota Sobrinho, escultor

«Isto de frequentar o café é um habito adquirido por mim desde muito novo. Agora é tarde, na minha idade, para mudar de rumo. Trabalho muito — e os minutos de café são os unicos momentos de distração.»

Jorge Barradas, caricaturista

«Venho aqui pelo convívio e pelo ambiente. De resto, o café só influe na minha vida artistica pela critica.»

Eduardo Metzner, publicista

«Passo muitas horas da mi-

FRANCO GUEDES



Um tipo conhecido e popular

nhá existencia no «café», porque ali encontro o ruido e o bulicio que me distraem e me inspiram. O «café» tem sido, para mim, um foco de irradiação das ideias que apostolisso, um caminho, um posto de observação, de estudo e de reunião com os meus



Dr. Fortunato da Fonseca

camaradas—irmãos e espirituais e companheiros de luta. Prefiro o «café» ao teatro, ao cinema, ás conferencias e aos gremios políticos, e de todos os «cafés» da capital, o da minha predileção, é a «Brazileira» do Chiado.

Afonso de Bragança, jornalista

«Venho aqui — para pensar. Ora veja: hoje saí de casa com as ideias um tanto atabalhoadas. Sentei-me a este canto do Martinho e estava agora a arruma-las quando você entrou».

Carlos Parreira, escritor

«Não preciso do café para trabalhar. Venho, simplesmente, procurar a companhia dos meus amigos».

Antonio Soares, pintor

«Porque venho ao café? Sei lá!



Gualdino Gomes

Olhe... para tudo, menos para responder ao seu inquerito...».

Afonso Gaio, dramaturgo

«E', especialmente, o convívio com pessoas inteligentes o motivo que me traz ao café. Depois de um dia inteiro de trabalho sabe bem repousar o espirito e o corpo. E' o que faço».

Walter Machado, jornalista

«Venho ao café por dever profissional, pela necessidade absoluta de conviver com políticos e saber o que pensam. Por que — é preciso que t'o diga—o politico, ainda o mais bem cotado, frequenta o café, mas só enquanto está na opposição, quando ministro, «arma» em pessoa celebre e vae aos «res-



Afonso Gaio

taurants chics». Num caso o unoutro, toca-se-lhe o «fadinho» politico adequado e ele diz tudo o que sabe e — quantas vezes — até o que não sabe!...».

Ruy Coelho, maestro-compositor

«Deixei de frequentar os cafés por que eles foram invadidos por multidões desordenadas de políticos — e estas pessoas não são as mais interessantes em Portugal...».

Lisboa — Novembro — 1920.



Os mortos—O actor Luiz Ramos

FALECEU ultimamente o actor Luiz Ramos, ha tempos retirado da scena. Nascera em 1869, em Belas, e não tendo sido um astro de primeira grandeza nem por isso deixou de ser uma utilidade. Era metuculozo e honesto e a sua passagem na vida teatral deu-lhe ensejo á interpretação de uma personagem que marcou. Referim-nos ao sapateiro da «Parreira Anatomica». Estreou-se no teatro Principe Real em 1893, no drama «Os Tavoras». Trabalhou no teatro da Trindade, onde, em 1897, com aplauso, entrou no drama «A Honra». Que descanse em paz o honesto artista.



Luiz Ramos

A viagem dos Reis da' Belgica



QUANDO estive-ram em Lisboa os reis da Belgica, o professor do Instituto de Agronomia, sr. L. Lourenço da Silva, fez imprimir, luxuosamente, uma poesia de homenagem aq ueles soberanos, o que por intermedio do sr. ministro da Belgica em Lisboa lhes fez entregar. Essa poesia, em oitavas, celebra a heroicidade do rei soldado e combatente e exalta o seu nome, interpretando o sentimento que por ele teem todos os portuguezes. A poesia é patriótica e inspirada e a sua edição, em magnifico papel impresso a ouro, foi justamente apreciada.

O ESTRANGEIRO

O estrangeiro revela-se-nos interessante. A dívida de guerra esmagando a Alemanha é uma interessante! e caricatura que «The Bystander» reproduz dos jornais alemães. — Duas bonitas bailarinas fazem hoje sucesso:

Spinelli, que foi o delírio de New-York, e Laurka



1. A Alemanha esmagada sob o peso de sua dívida de guerra. (De «The Bystander»).—2. A bailarina Spinelli.—3. Madame Laurka de Kurylo.

de Kurylo, que entontece Londres. — Em Lille é entregue o colar da Torre e Espada á cidade por oficiais portugueses. A nossa gravura representa esse acto solene e n'ela se vêem: 1. o maire de Lille.—2, o marechal Pétain.—3, o nosso encarregado de negocios, Mesquita.—4, coronel Godinho.—5, o capitão Maçãs Fernandes, delegado do governo. Foi uma bela cerimonia que o cliché de Garcez nos revelou.



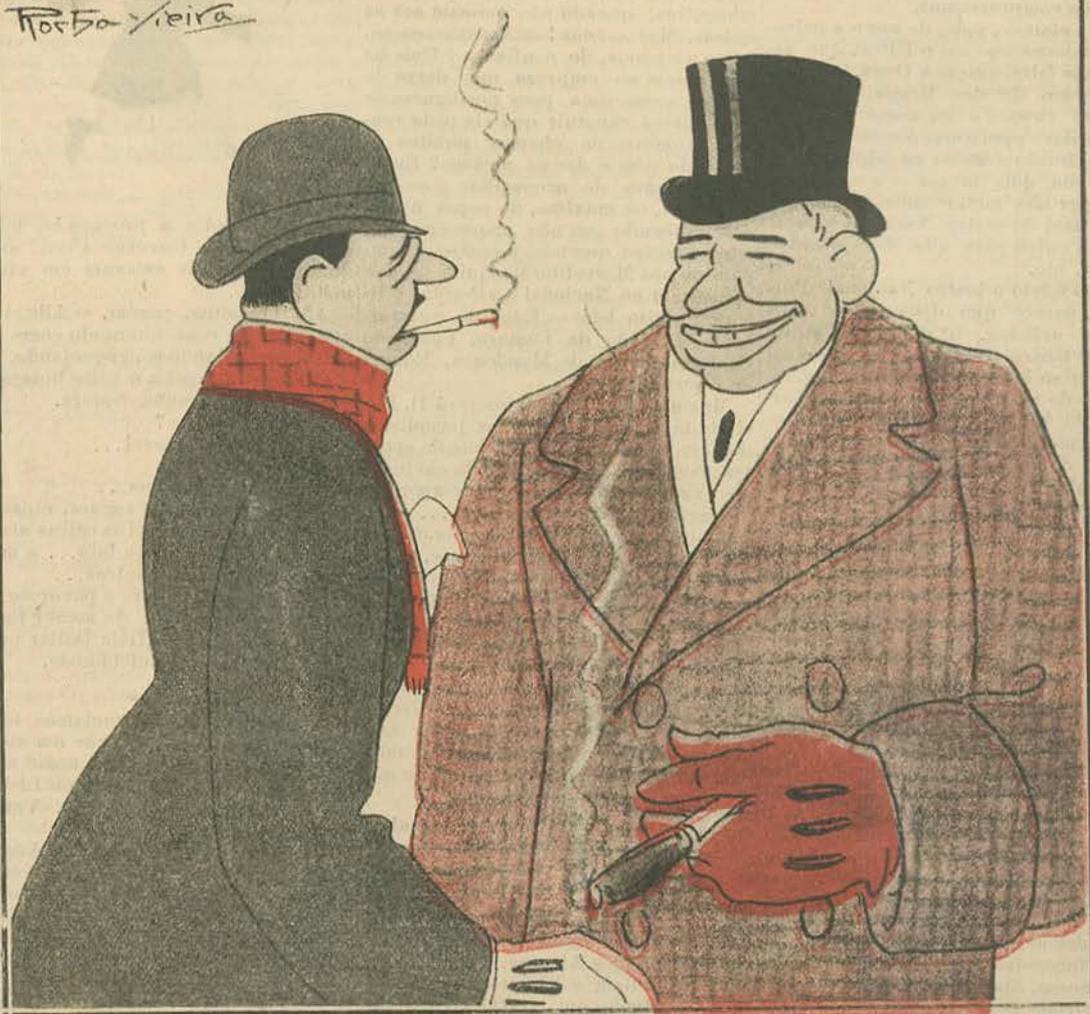
Em Lille. A cerimonia da entrega da Torre e Espada. («Cliché» Garcez)



Redação, Administração e Oficinas — Rua do Seculo, 43, — Lisboa

Devoluto

Robo Vieira



— Não percebo como, havendo tanta falta de casas para habitações, ultimamente tem aparecido nos jornais milhares de anuncios a oferecer quartos para alugar!...

— São as ca rvoeiras...



PALESTRA AMENA

Constipação e teatros

Passamos melhor, obrigado. Depois de termos encharcado, defluxamento falando, todos os lenços que temos em casa, os panos de limpar o pó, as toalhas, as fraldas das camisas e outros trechos de roupa branca adaptáveis ao nariz: depois de termos gasto alguns tubos de aspirina e de ródina, em luta uma com a outra, a ver qual nos fazia gustar mais dinheiro; depois do medico nos visitar algumas duzias de vezes e de nos receitar como remedio mais eficaz, paciencia em varias doses—aconteceu que chegámos ao estado normal, sem que a penca tivesse sensivelmente diminuido do seu respeitavel volume. E obrigados estamos a quem procurou informar-se do nosso estado, que foi o pequeno que nos vende os jornais de manhã e á noite, por ter estranhado que não lh'os comprassemos.

Aqui estamos, pois, de novo a palear amavelmente com o leitor, que assunto não falta, graças a Deus. Só aq uele regresso, lá dos Brasís, do nosso Eduardo Brazão e da nossa Lucinda Simões—dava para umas poucas de columnas—o Brazão a meter na algibeira 50 contos em dois mezes e a zangar-se muito por não meter mais, a Lucinda a dizer mal do teatro Nacional e botar parte da culpa para riba dos jornalistas, etc. etc.

—Não é isto o teatro Nacional Português, parece que disseram os dois illustres artistas, e disseram muito bem. O teatro Nacional Português seria o que se compuzesse d'um grupo regular—de mais de uma pessoa—de artistas de primeira ordem, de outro, mais numeroso, como não podia deixar de ser, de artistas de segunda ordem, e de outro de terceira. Além d'estes tres grupos, haveria mais um, esse resfriissimo, de artistas de honra, de reliquias respeitaveis, que só appareciam em scena em determinados dias de gala, para decoração e para respeito da plateia, que os receberia carinhosa e saudosamente, mas que não consentiria que se fatissemos.

Os artistas d'esse quarto grupo, tão necessario n'um teatro Nacional como os restantes, por varias razões, seriam, porém, para adorno da scena e não para se exporem em casas alheias. Não iriam, por exemplo, ao Brasil, por muitos motivos e mais um, o qual seria o não convir que corresse o risco d'algum desgosto e desprestigio perante um publico que não se pode comover com as glorias passadas d'um paiz que não é o seu e que paga para que lhe dêem realidades actuais em sombras mais ou menos inconsistentes...

Em nossa casa, sim, é que tais artistas seriam festejados! Os espectadores velhos, vendo-os, recordariam o brilhantismo d'outr'ora, e apontariam aos espectadores novos, fazendo ver a estes que todas as escolas são aceitaveis no seu tempo proprio, e que

a romantica não foi menos agradável do que a naturalista; os espectadores novos beijar-lhes-iam comovidamente as mãos, como a avós, e elas, as figuras do quarto grupo ficariam bem satisfeitas com tais manifestações e, depois da exhibição annual ou bi-annual, recolheriam a seu lar com a certeza consoladora de que não tinham sido esquecidas e de que, para o não serem, não precisavam de perder as poucas forças que ainda possuíam, em tarefas só para gente moça.

...Que os jornalistas tem culpa, etc.? Estaremos por acaso, apesar de vivermos occultos n'uma modestia que só os maldizentes nos não reconhecem, incluídos na busca jogada por Lucinda Simões?! Se estamos, por quê? Muito provavelmente porque não insistimos em que as peças portuguezas para representar no teatro Nacional devem ser em muito maior numero do que as estrangeiras, quando não possam ser as unicas. Mas—cens! onde estão os autores nacionais, de confiança? Pois ha lá gerencia ou empresa que deixe de levar á scena nua peça portugueza se pela leitura concluir que ela pode render dinheiro ou chamar publico—que tudo vem a dar na mesma? Então nós haviamos de aconselhar a accitação unica, ou maxima, de peças nacionais, sabendo que não apparecem? Foi acaso preciso que nós, jornalistas, impuzessemos Marcelino Mesquita—a esse recusaram no Nacional a «Perola» e fizeram muito bem—Eduardo Schwabach, D. João da Camara, Fernando Caldeira, Lopes de Mendonça, Eduardo Garrido, etc.?

Mas não será só isso; quererá D. Lucinda tambem dizer que os jornalistas deviam pugnar pela entrada de artistas bons no Nacional, pela exclusão dos maus e afastamento temporario d'aqueles para outros palcos... Mas, senhora nossa, é com dez réis de melcoado que se pagaria a tal gente, quando teatros particulares dão a artistas mediocrez dez vezes mais do que auferem os de 1.^a categoria no teatro do Estado?

Fiquemos em que não temos culpa nenhuma do desgosto do sr. Eduardo Brazão e a sr.^a D. Lucinda Simões sofreram e que os iremos apiandir mais dia menos dia no proprio teatro Nacional, onde disseram, parece, que não voltavam a pôr os pés.

J. Neutral.

ALEGRIAS E TRISTEZAS

Quem hontem corria como doido, cheio de contentamento, direito a casa, era o Domingos Alturas, o bem conhecido capitalista e banqueiro, cuja fortuna, avaliada em 20.000 contos lhe tem permitido atravessar, com a familia, a crise actual, tendo suprimido o jantar quotidiano mas almoçando quasi todos os dias.

Entra em casa ofegante, A mulher:

—Que tens? já ha carvão?
As filhas:

—Que tem o papá? Conseguiu arranjar lenha?

O Domingos Alturas, triunfante:

—Não! Achei uma azeitona!

E mostrando, na verdade, um exemplar d'esse precioso fructo, que um hortaliçeiro ambulante tinha deixado cair dos ceirões, caiu redondo, fulminado por uma apoplexia!

* * *

Quasi á mesma hora dava-se uma scena lanciante n'um 1.^o andar da Avenida da Liberdade, onde mora o milionario Luiz Dollar. Seriam umas 10 horas da noite ainda o pequeno mais novo, o Albertinho, não tinha voltado do colegio, ele, que costumava regressar ai pelas 7 horas da tarde. Os cuidados da familia eram imensos; tinham



saião os criados a procura-lo, telefonara-se para o Governo Civil, as esquadras policiaes estavam em via de mobilisação.

A's 11 horas, porém, o Albertinho appareceu em casa, chorando como uma beira, arrepelando-se, gaguejando.

Cercon-o a familia o todos indagaram o motivo da estranha demora.

—Caiste na rua?

—Algum automovel...

O pequeno:

—Não, papá: é que...

—Dize, não te en-argues, rapaz.

—E' que... rasguei as calças atraz e como não tenho outro fato... a manhã tem de me comprar outras...

O efeito foi immediato e pavoroso. Entre outros accidentes de menor importancia, o milionario Luiz Dollar puxou por um revólver e suicidou-se,

* * *

...Mas o que renunciámos terminantemente a descrever é a alegria que sentiu esta manhã o nosso amigo Teles, dono de 250 predios em Lisboa e de 25 quintas na provincia. Vai em duas palavras:

Atravessava o Teles a rua Augusta quando viu dirigir-se-lhe... sabem quem? o Albergaria, aquele magico do Albergaria, que partiu para a Africa haverá uns 10 anos e que era o amigo mais intimo do Teles. Surpreza, abraços, expansões—e o Albergaria:

—Olha, Teles: eu estou no hotel Francfort. Convido-te a vires hoje jantar comigo...

Depois do falecimento da sogra—bem boa senhora que ela era!—o Teles não tinha tido alegria tamanha!

**Normalização**

E' verdade que sim: os serviços da C. P. estão normalisadíssimos, conforme podemos testemunhar, porque ha três dias tivemos de ir ás Caldas da Rainha, percurso que fizemos com um atrazo de 26 horas apenas.

A normalização começou a evidenciar-se aí pelas alturas de Pero Negro, que n'esse dia estava realmente pretíssimo. Havendo o maquinista declarado que a maquina se encontrava no seu estado normal, isto é, avariada, ali nos demorámos umas 6 horas, á espera do que o futuro nos reservasse, e não esperámos em vão, porque o futuro tinha-nos reservado um comboio de mercadorias, descendente, que partira da Figueira da Foz nos fins de Setembro e que se prestou, gentilmente, a ficar por aquella altura e a ceder-nos a maquina respectiva.

Lá demos mais umas arrancadas e no Outeiro da Cabeça é que estivemos para a perder—a cabeça—porque, normalmente, o comboio entende que não devia avançar mais, por falta d'agua. A maquina estava morrendo de sede, o que não era de admirar, porque suava em bica com a estafadeira que tinha apinhado, já com dois comboios á sua conta, e apesar da agua cair a potes, não a havia ali perto!

Apeámos-nos e comnosco todos os passageiros, resolvendo dar uma ajuda á pobre vítima. Conforme pudemos



lá a fômos puxando até o principio d'uma descida e aí a largámos. Então é que foi uma beleza de maquina! Como a descer todos os santos ajudam, não precisou mais de agua, nem de carvão nem de coisa nenhuma: escorregou vertiginosamente por ali abaixo e só tiveram mão n'ela em Runa, onde os invalidos lhe fizeram uma manifestação amistosa, porque havia menses era o primeiro comboio de passageiros que viam.

Enfim, lá chegamos ás Caldas, convencidos de que a normalidade do C. P. não é uma palavra vã e de que quem viajar sem meia dúzia de caixas de pós insecticidas chega ao seu destino meio comido—como nos aconteceu a nós.

Os pianos

Afinal, parece que sempre vai avançar esta marmelada d'uma pessoa que tiver a espiga d'un piano em casa ser obrigada a pagar 5 escudos por ano de contribuição, para compra de livros em substituição dos que o Estado deixou estragar na biblioteca publica.

Sobre o caso, estava naturalmente in-

dicado que entrevistássemos um d'aqueles instrumentos e foi o que fizemos, em casa d'uma vizinha nossa, pianista, executante eximia e permanente do «Pirilau», a qual, por sinal, se encontrava agarrada ao seu piano, como uma Madalena — que era, antes de arrependida.

Dissemos ao que iamos e o piano expoz a sua opinião, com o maior desasombro.

— Olhe: eu acho que é muito bem feito pregarem-me uma contribuição, visto que até hoje não tenho sido senão prejudicial á comunidade...

— Como?

— Fui eu que fiz o casamento da avó da menina Madalena, hoje minha proprietaria. Aquella senhora quando passava algum mancebo na rua, punha-se a tocar a «Traviata» nas minhas teclas, os rapazes paravam embevecidos, ella chegava á janela, até que houve um que caiu. Depois de casados, como ella não tivesse sido educada senão para to-



car piano e recitar ao dito, o lar foi um inferno...

— Mas outros pianos haverá...

— Cada um fa e por si. Ai, as poucas vergonhas de que tenho sido cúmplice!

— Sim?

— Para não ir mais longe, com a

EM FOCO**O integralista**

*Apre! que estou tremendo como um vime!
Bem se prega que está o mundo roto!
Pois não ia deitando este maroto,
Abaixo, ha oito dias, o regime?*

*Tão lindo, a precisar de quem o amime,
Tão bem vestido que até dá no goto,
E por pouco não faz um alboroto
E não pratica um verdadeiro crime!*

*Um menino de forma tão dengosa,
Tão fragil, tão subtil que nem consente
Que lhe toque 'uma petala de rosa,*

*De espada em punho, a amedrontar a gente!
Quer que tomem a serio a pavorosa?
Ora vá-se despir, primeiramente!*

BELMIRO.

mã da menina Madalena, aqui presente. Tive oito professores de piano... e do ultimo é que houve a filha, porque os duetos com os sete anteriores não tiveram consequências de carne e osso...

— Ah! Então com todos os oito tocava a quatro mãos?...

— E a quatro pés, para não dizer a quatro pernas, debaixo dos bancos...

— E com a sua dona actual?

O piano deu uma nota desafinadissima, mas quando ia a continuar, Madalena interrompeu-o.

— Pobre amigo! Nunca mais será o meu confidente... nunca mais te tocarei...

— Porquê? interrogámos.

— Porque não tenho os cinco escudos annuaes para dar de contribuição. Vou manda-lo para o «prégo»...

Condoemo-nos e demos os cinco escudos, compensando-nos Madalena com alguns sorrisos e a execução immediata e grandemente expressiva, do

*Cobre-me! cobre-me cobre-me!
Cobre-me! Cobre-me!
Que eu tenho frio...*

Correspondencia

ALICE. — Lindos versos! Palpita-nos que são como a cara da dona...

J. T. (SANTAREM) — Em politica somos leigos e tem os muita honra n'isso.

ALF. T. X. (PORTO). — Tambem aqui as subsistencias estão pela hora da morte, mas isso não é motivo para fornecermos palha aos parceiros.

RIPANSO. — Durma, que é melhor; acordado, não faz senão asneiras.

VIOLETA. — Vamos ler o conto e diremos o que pensamos. E' tão ingrata a carreira das letras!

OS "SINN FEINERS"



— São apenas mosquitos, mas não sou capaz de me ver livre d' eles!

UMA FAMÍLIA DE ARTISTAS

por
MARIA
FERNANDA
DE CASTRO
E QUADROS.



NA rua Ribeiro Sanches ha uma casa côr de rosa muito portugueza e muito enfeitada de verdura, com um vago ar de provincia, que abriga sob os seus tectos hospitaleiros uma verdadeira familia de artistas.

E' ali que vive e trabalha Alexandre Rey Colaço, rodeado das suas três filhas: Maria, Alice e Amélia.

O interior da casa é o que não podia deixar de ser: — um seguimento de salas arranjadas com um senso estético inexcodível, onde não têm logar as fantasias estranhas dos modernos, mas onde em compensação abunda, no mobiliario, a arte antiga dos antepassados.

Na sala moura ha uma profusão de tons, de matises, de cambiantes, uma infinidade de coisas curiosas, de metais que brilham na meia luz, uma série de tapetes ricos de côr e de assunto, que dão a toda a sala um aspecto extranho e fantástico.

A «sala dos passarinhos» é a preferida das três fi-



lhas do mestre; pelo menos é ali que passam grande parte do seu tempo, é ali que estudam e fantasiam os trabalhos que, mais tarde, dão a publico, conscientes do seu valor.

Alice, a mais triste das três, é alta, levemente morena e lembra na figura — só na figura, é claro! — os tipos populares femininos que estilisa nos seus cartões, tão pessoais e tão marcadamente portugueses.

Maria é loira, tem um sorriso lindo e quando se senta ao piano — um enorme piano de cauda — faz pensar em certas figurinhas antigas de sécias, ensaiando um minuebe.

Amélia — quem não conhece a Amélia, — é um tipo perfeito de boa disposição, de «charme» e de graça.

Eis, em duas linhas, uma frase sua:

Vinha do teatro, depois d'um ensaio da «Castro», que por esses dias subiu á scena para sua gloria e triunfo.

Era já noitinha. Em casa esperavam-n'a para jantar. Quando entrou, muito chic, toda vestida de verde, melancólica e tristonha, toda a

1. A entrada da casa n.º 43 da rua Ribeiro Sanches. — 2. A sala dos passarinhos, a preferida das três irmãs. — 3. Um autografo de Rey Colaço.

Os Ceifeiros

Andante

Alexandre Rey Colaço

família a rodeou aflita. E' que não era costume. De ordinário ela chegava a casa risonha, feliz, despreocupada.

Naturalmente fôra o ensaio violento que a extenuára, fôra a scena comoventíssima que lhe tirára a boa disposição.

E já se assentava nesta ideia, quando ella á queimou diz, n'um desabafo, afagando dorida o antebraço: — «Pronto, já disse! Amanhã vou falar ao director... Não mais! Ha-de almofadar o chão! Ha trinta

dias seguidos que á mesma hora e no mesmo sitio caio com todo o peso em cima do meu pobre braço, já não posso mais, não posso!»

E já não podia com effeito. Compentrava-se tanto do seu papel, incarnava tão completamente a linda Inês, que na scena da morte caía desamparada como se de facto lhe tivessem roubado a vida os feros matadores de D. Inês.

E depois de realisar com a maxima emoção o



Amelia Rey Colaço



Duas irmãs: Maria e Alice Rey Colaço



Alice Rey Colaço. A leitura nos degraus velhos



...abunda no mobiliario a arte dos antepassados

seu papel, o que restava para a realidade da vida? — Uma enorme pisadura no braço, no seu pobre braço dorido.

Maria é talvez das três a mais modesta (as outras que me perdõem esta opinião, que pôde muito bem ser errada).

Quando alguém lhe fala na sua arte e no seu bonito talento musical, encolhe os ombros e muda logo de assunto.



SE JÁ ESTÁS ARREPENDDA
D'ALGUM BEM QUE ME FIZESTE,
DÁ-ME OS BEIJOS QUE EU TE DEI,
QUE EU TE DOU OS QUE ME DESTE.

da, onde também costuma sentar-se com um estirador nos joelhos.

Ali, n'esses degraus, quantas vezes não terá ela imaginado os seus tipos populares verdadeiros!

São amicíssimas as três irmãs. E se cada uma escolheu a sua arte, se cada uma tem a sua vida, muitas vezes se reúnem em volta

Dois cartões de Alice Rey Colaço. Vida popular.



TOMA LA COLCHETE DE OIRO,
APERTA O TEU COLETINHO,
CORACAO QUE F' DE NOS AMBOS
DEVE ANDAR CONCHE GADINHO.

Por isso a mãe, que compreende e adora esta modestia, costuma dizer ás vezes:

— Só sabe sorrir a minha Maria!

Alice trabalha no seu proprio quarto, num isolamento proprio.

Ha no jardim da casa uns degraus velhos de pedra denegri-



Maria Rey Colaço. Maria a loira tem um lindo sorriso...

da mesma mesa e trabalham juntas á luz das mesmas velas, n'uma comunhão absoluta de idéas e de pensamentos.

Por tudo isto eu chamar privilegiado ao numero 48 da rua Ribeiro Sanches.



Quatro poses de Amelia Rey Colaço.

VIDA LITERARIA—Os livros recentes



O Dr. Armando Narciso, autor do volume *A evolução da crenoterapia e as águas medicinais portuguesas*; Celestino Gomes, da *Soror Leonor*; Antonio Ferrão, de *Os arquivos e Bibliotecas em Portugal*; Domingos Monteiro, de as *Orações do Crepusculo*; Antonio Dias, de *Nis garras d' Kultur*; Humberto Beça, de o *Sib a metralha*; F. Mendes Povoas, autor de os *Ares da Beira* e de um novo teclado dactilografico; Carlos de Passos, do volume *Lembranças da terra*; Dr. Mota Cabral, autor de os *Quadros ribatejanos*; Artur de Matos, do volume *Boias de sabão*, e Mario d'Artagão, o illustre poeta do *Psalterio*.

Atualidade



O sr. dr. Agostinho Fortes lente da Faculdade de Letras e ultimamente nomeado para o Conselho Central do Partido Socialista.

1. O banqueiro sr. Sotto Maior e o abastado capitalista sr. Antonio Pereira Inacio, que ultimamente visitou Lisboa.—2. O sr. Francisco da Holanda.



Exposição de cerâmica na Escola de desenho Industrial «Medico Sousa», em Viana do Alentejo.

da questão política.

Foi muito victoriado e, tendo ido no rapido do Porto, regressou a Lisboa de aeroplano, um aparelho Nieuport que o governador ci-

A mais importante das atualidades foi, sem duvida, a viagem do sr. Presidente do Ministerio a Santarem onde foi recebido entusiasticamente e onde teve ocasião de fazer afirmações politicas de grande importancia, que tiveram depois eco retumbante no Parlamento, dando mesmo logar a um desafio.

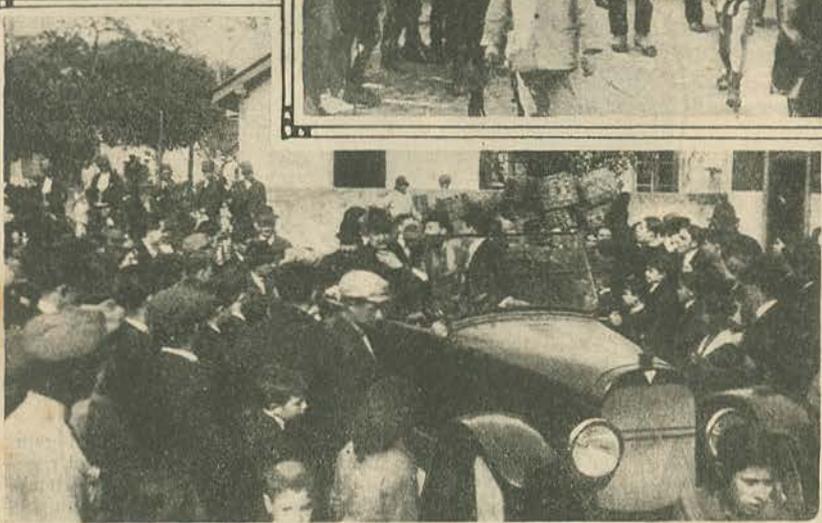
O sr. dr. Antonio Granjo, na Camara Municipal, afirmou que o governo soube fazer a paz no paiz sem que a força fosse chamada a intervir; falou da especulação comercial e da carestia da vida, da nossa situação internacional, da amnistia, do desenvolvimento das colonias e



Fabrica Votorantim.—Uma das fabricas do grande industrial Pereira Inacio, no Brasil. A saída dos operarios.

vil de Lisboa, sr. Lelo Portella, timonava. Inaugurou assim o sr. presidente da ministerio o uso que no estrangeiro se tem dado á aviação.

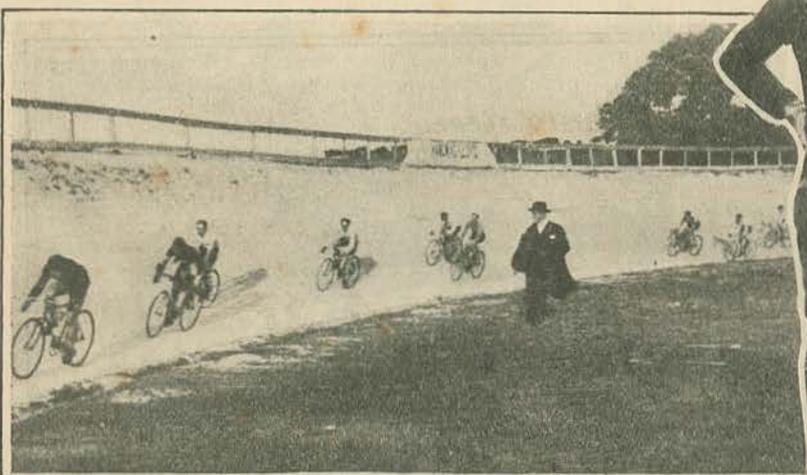
Esteve entre nós o conhecido industrial do Brasil sr. Antonio Pereira Ignacio, que seguiu no



landa, que tantos serviços prestou no Consulado do Brasil, foi convalescer em gozo de licença para o Rio de Janeiro, tendo á partida uma despedida muito afetuosa. Estas, com a corrida de motocicletas que se realison no Stadium, foram as atualidades mais importantes da semana.



1. A caminho da Camara Municipal de Santarem. Ovacionando o sr. dr. Antonio Granjo.—2. O automovel do sr. presidente do ministerio, saindo da estação de Santarem a caminho da cidade.



Um aspecto da corrida do «Stadium»

«Limburgia», deixando uma avultada quantia para os pobres do «Seculo».

Na Escola Industrial «Medico Sousa», de Viana do Alentejo, dirigida pelo sr. José Albino Dias, inaugurou-se uma curiosa exposição.

O sr. dr. Agostinho Fortes foi com o sr. dr. Ramada Curto nomeado para o Conselho Central do Partido Socialista e o sr dr. Francisco de Ho-

Joaquim Dias Maia, o vencedor do «match» de motocicletas e o seu adversario Carlos Fernandes.

Doentes LÊDE!

Sofreis de Neurastenia, Tuberculose, Paludismo, Anemia,
Fraqueza geral, Falta de appetite

Tomai o SANITOL

Tonico superior e poderoso Reconstituente

A seu respeito escreve o illustre clinico
Dr. Augusto Alfredo de Matos Chaves

Ex.^{mo} Sr. e prezado colega.

Convencido, como V. Ex.^a aliás deve estar, da efficacia dos bons tonicos no revigoroamento dos organismos depauperados pela fadiga, pelo excesso de trabalho, pela má qualidade dos alimentos ou pelas enfermidades, costumo aconselhar, na minha clinica, ás pessoas debilitadas e anemicas, o uso desses preciosos medicamentos, que teem não só a vantagem de restaurar as forças como até de evitar as graves perturbações que podem resultar d'uma alimentação mal orientada.

E devo confessar que, entre os recentes productos farmaceuticos, rotulados com o nome de tonicos, nenhum me tem dado tão efficaces e notorios resultados como o «Sanitol» (elixir, grannlado ou injectavel), preparado magnifico que o organismo recebe com a maior facilidade e possuindo os melhores elementos que podem conduzir ao fim que se tem em vista e cuja efficacia a sciencia unanimemente apregôa como o arrhenol, o arsenico, etc.

E' a experiencia que me afirma esta verdade, que en não duvido levar ao conhecimento do meu Ex.^{mo}

Colega em virtude d'um dever que eu proprio me inspira.

Guimarães, 27-12-918.

E, sem outro motivo, creia-me do Ex.^{mo} Colega
dedicado e atento

AUGUSTO ALFREDO DE MATOS CHAVES.

A venda do SANITOL é já colossal. A sua venda prova a sua efficacia. Milhares de opiniões medicas affirmam o seu exito nas doencas que enunciamos.

A' VENDA NAS DROGARIAS E FARMACIAS

DEPOSITARIOS:

Em LISBOA: *N. Gomes de Carvalho*

R. Fanqueiros, 114

PORTO: *Antonio Cerqueira da Motta & C.^a*

R. Mousinho da Silveira, 111



COLGATE'S TALC POWDER

PÓ DE TALCO COLGATE

Substitue
com grandes vantagens
o pó d'arroz

**INDISPENSÁVEL
NA HIGIENE DAS CRIANÇAS
E NA TOILETE DOS ADULTOS**

Encontra-se em todos os bons estabelecimentos
que também vendem sabonetes,
perfumes, loções, elixires dentifricos, crèmes, etc.,
d'esta acreditada marca americana

AGENTES GERAES :

Sociedade Luzo-Americana

DOS ESTABELECIMENTOS

GASTON, WILLIAMS WIGMORE & L. DA

Rua da Prata, 145

LISBOA

Telefone, Central } 4.096
4.097



CIGARROS DE ABYSSINIA
EXIBARD
 Sem Opio nem Morphina.
 Muito efficazes contra a
ASTHMA
 Catarrho, Oppressão
 35 Anos de Bom Exitto.
 Medalhas Ouro e Prata.
 H. FERRÉ, BLOTTIÈRE & C^o
 6, Rua Dombroso
 PARIS
 11 BOIS PHARMACIAS

TRABALHOS TIPOGRAFICOS
 Fazem-se nas oficinas
 da
 "Ilustração Portuguesa"
 R. do Seculo, 43
 LISBOA

NEGOCIOS com a INGLATERRA
 "Casa estabelecida em 1907"
 Secção de Comissões dedicada á compra e venda de mercadorias e em geral por conta de terceiros.
 Secção de Importação fazendo uma especialidade nos productos Portuguezes e Brastodos a especie.
 Secção de Exportação Dá preços cif. qualquer porto sem mais despesas para qualquer artigo de procedencia Britanica.
 Secção de Seguros Coloca em condições vantajosas estes contra GREVES e TUMULTOS no Lloyd Inglês.
A. GUERRA & Co.
 38a, King William Street — LONDRES E. C. 4.

DOENÇAS DE PEITO
 TOSSE, GRIPPES, LARYNGITE, BRONCHITE,
 RESULTAS DE COQUELUCHE E DE SARAMPO
PULMOSENUM BAILLY
 Sob a influencia do "PULMOSENUM"
 A tosse cecoga-se immediatamente.
 A febre desaparece.
 A oppressão e as punçadas nailharga soocgam-se.
 A respiração torna-se mais facil.
 O appetite renasce.
 A saude reaparece.
 As forças e a energia recobram vida.
 EMPREGADO NOS POSPITAES, APRECIADO PELA MAIORIA DO CORPO MEDICO FRANCEZ.
 EXPERIMENTADO POR MAIS DE 20.000 MEDICOS ESTRANGEIROS.
 EM TODAS AS PHARMACIAS E QUORARIAS
MODO DE USAL-O
 Uma colher das de chá pela manhã e pela noite,
Laboratorios A. BAILLY
 15, rue de Rome, PARIS




Depurativo DIAS AMADO
 O verdadeiro de Antonio Dias Amado. Registado em todos os paizes. Farmacia LUSO-BRAZILEIRA, Praça de S. Paulo, 20, 21, 22.
 Telefone 1667 — LISBOA

Perfumaria Balsemão
 141, RUA DOS RETROZEIROS, 141
 TELEPHONE Nº 2777-LISBOA

CHOCOLATE, CACAU e BONBONS
 SÓ DA **AFRICANA**

Casamentos
 Desejam consorciar-se uma senhora viuva, de 42 anos, bonita, elegante e instruida, muito digna e de finissimas qualidades domesticas e sentimentos mores sendo possuldora de uma solida fortuna no valor de 92 contos e igualmente Rapaz 31 anos pequena fortuna, larga pratica administração quaesquer negocios commerciaes ou agricolas, serito casarla com senhora solteira ou viuva sem filhos tenha melos. (Resposta com selo) M. CLUB OF NEW-YORK PORTO.

—Olha! Tu queres andar bem vestido-nho, como eu? Diz que te levem ali, áquela loja!
 E o feliz bebé aponta para o estabelecim-ento de
LOJA INFANTIL
Suzano & Pinto
ROCIO, 114 e 115
ROUPARIA dos mais interessantes figurinos para senhoras e creanças. ENXOVAES para recém-nascidos e noivos.



O passado, o presente e o futuro revelado pela mais celebre e chiromante fisionomista da Europa
M. ME BROUILLARD
 Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticínios. Pelo estudo que fez das ciencias, quiromancias, cronologia e fisiologia, e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarolles, Lambrose, d'Arpenilgney, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onae foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, alemão, italiano e hespanhol. Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja)—Lisboa, Consultas a 5\$00, 10\$00 e 15\$00.

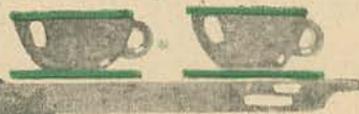


Consultorio Psico-magnetoterápico
 Tratamento das doencas organicas, nervosas e mentaes pelo **MAGNETISMO FISICO** e pela **PSICOTERAPIA**, auxiliados pelos melos fisicos e regimens naturaes, com a completa esclusão de medicamentos ou drogas.
 Os que estão pois desenganados, cansados de sofrer e que perderam toda a esperança de curar-se, lembrem-se que os meus especiais tratamentos Psico-fisico-magneticos e dieteticos os podẽ salvar e restituir-lhes a saude por mais antigos e graves que sejam os seus padecimentos.
Dr. Indiveri Colucci
 T. C. JOÃO GONÇALVES, 20, 2.º, Esq. — Esquina A. Almirante Reis (ao Intendente).



Não ha melhor e mais
hygienico alimento do
que os cacaos da

SIC

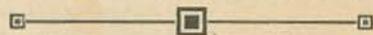


Provem

ou usem

e digam-nos

depois



A FABRICA É NA

RUA 24 DE JULHO N.º 76

Telefone C. 1367

LISBOA

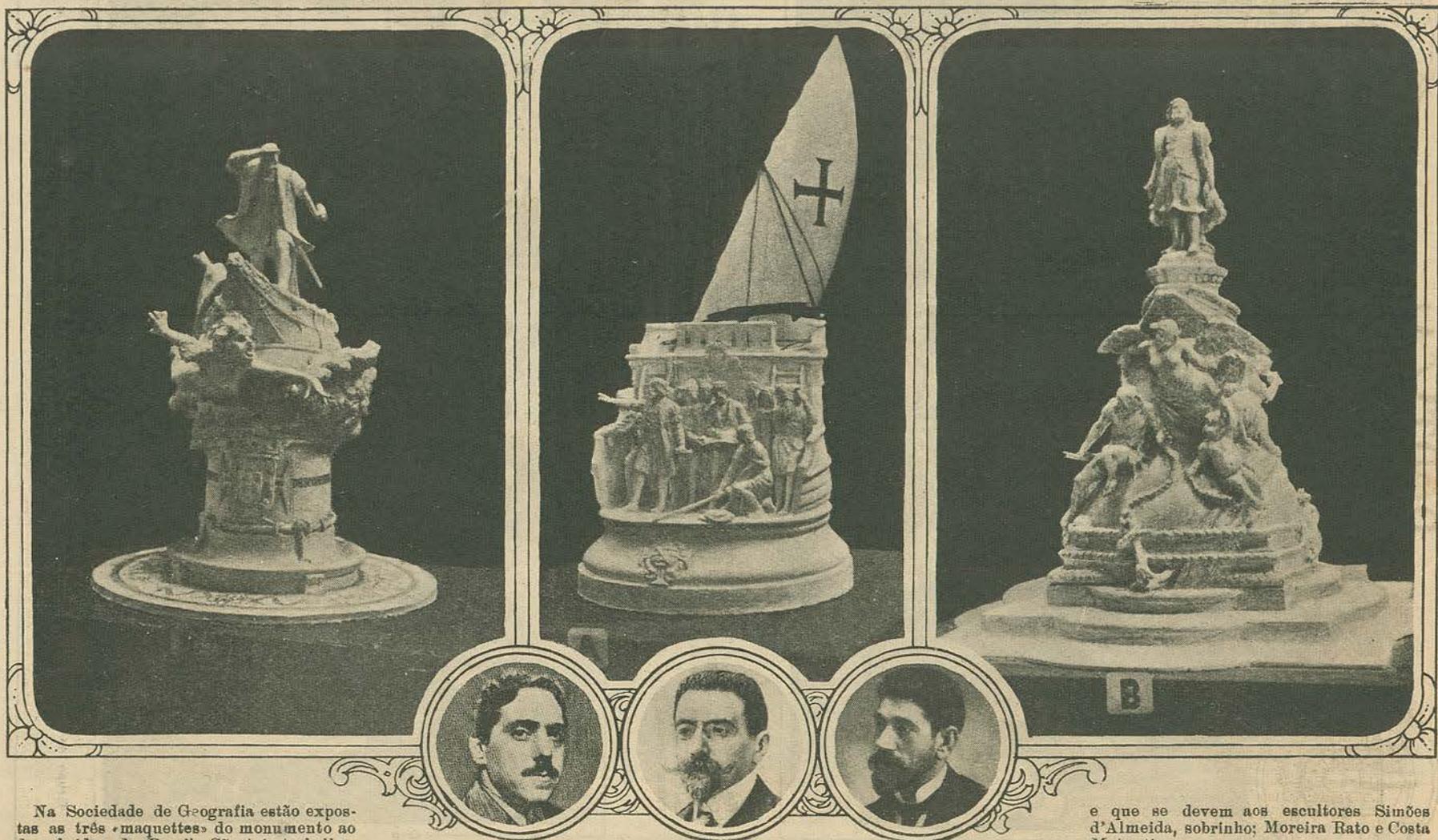
O NOVO MINISTERIO



Em plena crise. O sr. dr. Alvaro de Castro conversando com o deputado sr. Ferreira Diniz

Da esquerda para a direita os srs.: Dr. Antonio da Fonseca, Dr. Julio Dantas, Jaime de Sousa, Dr. Alvaro de Castro, José Maria Alvares, Dr. Julio Martins, Dr. Domingos Pereira, Cunha Leal e Dr. Lopes Cardoso.

VIDA ARTISTICA — As “maquettes” do monumento ao descobridor do Brazil



Na Sociedade de Geografia estão expostas as três «maquettes» do monumento ao descobridor do Brazil. São três trabalhos que muito honram a escultura portuguesa

e que se devem aos escultores Simões d'Almeida, sobrinho; Moreira Rato e Costa Mota, tio.